

ARU KYOUHAKU / 1960

“INTIMIDAÇÃO”

um filme de KOREYOSHI KURAHARA

Realização: Koreyoshi Kurahara *Argumento:* Osamu Kawase, a partir de uma história original de Kyo Takigawa
Fotografia: Yoshihiro Yamazaki *Som:* Takinosuke Yagi *Música:* Masaru Sato *Montagem:* Akira Suzuki *Direcção artística:*
Kazuhiko Chiba *Câmara:* Saburo Mio *Assistente de realização:* Takashi Nomura *Interpretação:* Ko Nishimura
(Matakichi Nakaïke), Nobuo Kaneko (Kyosuke Takita), Mari Shiraki (Umeha), Jun Hamamura (Nozaki), Kojiro Kusanagi
(Shinji Kumaki), Yoko Kosono (Kumiki), Zenji Yamada (Ono), etc.

Produção: Nikkatsu (Japão, 1956) *Produtor:* Ryoji Motegi *Direcção de Produção:* Kin'ichi Kamei *Cópia:* digital, preto-e-branco, versão original em japonês legendada em inglês e electronicamente em português, 65 minutos *Estreia:* 23 de Março de 1960, no Japão *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

*** A apresentação deste filme sinaliza o segundo momento da retrospectiva dedicada ao *Film noir* que vai decorrer na Cinemateca na temporada de 2021. O primeiro momento – “No Coração do Noir” – está previsto para Junho. Agendado para Outubro, este segundo momento – “Disponíveis para o Noir” – incluirá 20 títulos realizados entre 1947 e 1967, maioritariamente provenientes das cinematografias japonesa, francesa e britânica. Listagem dos títulos previstos na última página.**

Infiltrado com pujança no cinema hollywoodiano dos anos 40 e 50 do século XX, o *Film noir*, assim cunhado pelo olhar francês em 1946, para remeter a um cânone de medula americana e alma exilada que viria genericamente a fixar-se entre THE MALTESE FALCON de John Huston e TOUCH OF EVIL de Orson Welles, impregnou outras paragens e cinematografias, de resto de forma duradoura, numa miríade de declinações. Também assombrado pela devastação do pós-guerra, e na linha do fertilíssimo género *yakusa* do seu cinema, o Japão foi-lhe particularmente sensível. Como em Hollywood, além das influências realista e expressionista, é possível, identificar, no Japão, casos “pré-noir” que remontam aos anos 1930, como – como sempre – em Ozu: por exemplo no drama criminal nocturno SONO YO NO TSUMA / “A MULHER DAQUELA NOITE” (1930). Mais reconhecivelmente, Akira Kurosawa lança-se num mergulho *noir* na fase inicial da sua obra durante a ocupação americana, de modo extraordinário em NORA INU / “O CÃO DANADO” (1949), também eivado do neo-realismo italiano e do universo literário de Georges Simenon, ou mais tarde, não menos extraordinariamente, em TENGOKU TO JIGOKU / “O CÉU E O INFERNO” (1963). “INTIMIDAÇÃO” de Koreyoshi Kurahara tem um pouco desses dois Kurosawa – a batida gangster do primeiro, o subtexto do ressentimento social do segundo. E ligações directas ao “coração do noir” americano.

A espiral narrativa, em sucessivas torções que acentuam a crueza rondante ao mesmo tempo evocando o passado das personagens em assombrações presentes, define “INTIMIDAÇÃO”, construído no ritmo concentrado de um noir Hollywood série B. Reverberam pois nitidamente, até na silhueta bandida do assaltante mascarado-desmascarado, motivos do cinema clássico americano. Como dele reflectem os meandros da intriga criminal, o ambiente noturno urbano de uma rua rasgada por luzes néon em imagem contrastada a preto-e-branco, outras sombras. A firmeza da realização, impecável, atesta esse mesmo classicismo que, num estúdio como a Nikkatsu, prolongava a inspiração dos

gangsters hollywoodianos na tradição yakusa das décadas de 1950 e 60. Não se trata pois, aqui, do registo da Nova Vaga que confrontaria com delírio e brutalidade o policial e o noir em obras como *KOROSHI NO RAKUIN* / “A MARCA DO ASSASSINO” de Seijun Suzuki (*BRANDED TO KILL*, 1967), pelo qual a Nikkatsu negaria trabalho futuro a Suzuki que com esse filme afirmou a posteridade de um culto. Como a crítica e espectadores atentos têm notado, não é difícil ver em “*INTIMIDAÇÃO*” o mesmo molde de uma produção B da RKO ou imaginar Edward G. Robinson no papel de Takita, o gerente do banco corruptível interpretado por Nobuo Kaneko (para referência e citando três filmes anteriores, actor de Kurosawa em *IKURU*, de Naruse em “*O SOM DA MONTANHA*”, de Ozu em “*NUVENS FLUTUANTES*”). Aproveite-se para referir que a sua Némesis, a personagem do empregado subalterno Nakaike, é interpretada por Ko Nishimura (mais reconhecível “daqui” pelos seus trabalhos com Kurosawa, Kaneto Shindo, Shohei Imamura ou, do ano seguinte a “*INTIMIDAÇÃO*”, Seicho Matsumoto em *ZERO FOCUS*).

Koreyoshi Kurahara (1927-2002) entrou na Nikkatsu como assistente e aí se estreou na realização em 1957, já em modo noir, com *ORE WA MATTERU ZE* (*I AM WAITING*). Activo até 1995 – ano de *HIROSHIMA*, co-realizado com Roger Spottiswoode –, Kurahara foi navegando entre filmes e géneros no quadro da produção dos grandes estúdios, sendo comum assinalar-se a liberdade da sua abordagem em consonância com o espírito da modernidade japonesa dos anos 1960 em diante. Em “*INTIMIDAÇÃO*”, a sua “sensibilidade noir” é atestada na crueza ácida da história de fundo corrupto que retrata uma sociedade ameaçada pela desagregação, na qual transparece o mal-estar social, o desespero e a culpa; e pulsa concomitante no escuro mundo visual do filme composto entre duas viagens de comboio: a que traz o chantagista que põe a acção em marcha e nos é apresentado num plano raso ao nível dos pés, a que leva Takita, a família e a sombra dele para nova cidade fazendo-os atravessar a escuridão de um túnel.

A humilhação calada de Nakaike – o homem de olhar magoado –, o seu contínuo rebaixamento profissional mas também familiar (a personagem da irmã é pelo menos tão implacável como Takita), e a desfaçatez de Takita – o bancário ambicioso que desde criança toma tudo ao primeiro – seguem a par nos seus caminhos paralelos, mas também em irremediável entrelaçamento. A ausência de escrúpulos tudo contamina à medida que se percebe o quão todos estão enredados na teia, e o quão sórdida pode ela revelar-se. Sendo a progressão narrativa escorregadia, no sentido da linearidade, a *espiral* é a grande figura do filme, graças à espécie de dobras que vão surgindo e porque é a exposição de uma linha curva ao olhar descoberto do assaltante que determina uma dessas reviravoltas, em pleno assalto. É uma sequência admirável a do assalto, longa e silenciosa de diálogos, marcada pelo suspense e por toda a gama de sentimentos de devastação que assola as personagens.

Nela, a questão do *olhar* é decisiva, pelo que decisivo é que antes Takita quebre os óculos escuros vendo-se obrigado a enfrentar o assalto ao seu próprio banco como um zorro de máscara negra, mas não sobre a vista. Desarmada ficará. “Foi tudo um logro” / “Então eu ia assaltar o meu próprio banco?!?” E assim segue Takita, que anda “a brincar com o fogo desde [aquela] manhã”, como mais tarde diz à mulher, que se afadiga a emalar os pertences da família à beira da mudança de morada propiciada pela promoção do bancário. A sequência seguinte no banco é quase tão cortante, com os insultos e humilhações proferidos no discurso de Takita e sobretudo captados nos enquadramentos, campos e contra-campos. Aliás, as soluções visuais de “*INTIMIDAÇÃO*”, como a sua montagem, são um belo compêndio noir, versão oriental.

Maria João Madeira

DISPONÍVEIS PARA O NOIR | 20 títulos 1947-1967 *

Brighton Rock, John Boulting, UK, 1947

They Made Me a Fugitive / Sou Um Fugitivo, Alberto Cavalcanti, UK, 1947

Døden er et kjærtegn / “A Morte É uma Carícia” (Death Is a Caress), Edith Carlmar, Noruega, 1949

Nora Inu / “Cão Danado” (Stray Dog), Akira Kurosawa, Japão, 1949

The Third Man / O Terceiro Homem, Carol Reed, UK, 1949

Night and the City / Foragidos da Noite, Jules Dassin, UK, EUA, 1950

La Vérité sur Bébé Donge, Henri Decoin, França, 1952

Mantrap, Terence Fisher, UK, 1953

Touchez pas au grisbi / O Último Golpe, Jacques Becker, França, 1953

Du Rififi chez les hommes / Rififi, Jules Dassin, França, 1954

Voici le temps des assassins / Um Caso Diabólico, Julien Duviver, França, 1956

Ascenseur pour l'échafaud / Fim-de-Semana no Ascensor, Louis Malle, França, 1958

Le Désordre et la nuit, Gilles Grangier, França, 1958

Rafles sur la ville, Pierre Chenal, França, 1958

Ji-ok hwa / “Uma Flor no Inferno” (The Flower in Hell), Shin Sang-ok, República da Coreia, 1958

Aru Kyounhaku / “Intimidação” (Intimidation), Koreyoshi Kurahara, Japão, 1960

Osen chitai (Yellow Line), Teruo Ishii, Japão, 1960

Zero no shoten (Zero Focus), Yoshitaro Nomura, Japão, 1961

Koroshi no rakuin (Branded to Kill), Seijun Suzuki, Japão, 1967

Le Samourai / O Samurai, Jean-Pierre Melville, França, 1967

***programa previsto e com cópias a confirmar, sujeito a alterações**